



FRANCISCO DE PAULA PINHEIRO

Habib Fraiha Neto

Membro Titular da Academia de Medicina do Pará

Francisco de Paula Pinheiro nasceu em Belém do Pará no dia 9 de novembro de 1934. Caçula dos três filhos de Francisco de Paula Valente Pinheiro e sua esposa Olga Engelhard Pinheiro: Léa Cecília (Pinheiro Teixeira), Argentina Maria (Pinheiro de Oliva) e Francisco de Paula (mesmo nome do avô). Cedo ainda, quando contava apenas 12 anos, teve a desventura de perder sua mãe. O pai, bancário bem-sucedido e muito bem relacionado, homem de bons serviços prestados ao Banco do Brasil em Belém, depois Diretor do Banco da Borracha (atual Banco da Amazônia) e do Banco do Estado do Pará, desdobrou-se para suprir-lhe tão grande perda, esmerando-se em proporcionar ao filho a melhor educação e exercendo sobre ele enorme influência na forja do caráter. Matriculou-o no Colégio Moderno, um de nossos melhores educandários. Francisco buscou espelhar-se na figura paterna e, para todos que lhe conhecemos a índole, a competência e a retidão, tem sabido, como bem poucos, honrar-lhe a memória.

Matriculou-se em 1953 na Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará. Ainda universitário, mereceu ser indicado pelo titular da cátedra de Histologia, Professor Mário Sampaio, para um estágio no Belem Virus Laboratory, recém-instalado em 1954 pela Fundação Rockefeller no Instituto Evandro Chagas. Lá conheceu o casal Ottis e Calixta Causey, primeiros diretores daquele laboratório, que muito o incentivaram a enveredar pela Arbovirologia.

Graduou-se em Medicina em dezembro de 1958 pela Universidade Federal do Pará. Ronaldo de Araújo, José Maria de Souza, Fernando e Guilherme Aguiar Pereira Guimarães, Raimundo

Dhélío Guilhon e Domingos Costa Jr. foram alguns de seus melhores colegas de turma, e até mesmo de grupo de estudo.

Em 1959 especializou-se no Instituto de Microbiologia da Universidade do Rio de Janeiro, onde recebeu grande incentivo do mestre paraense professor Joaquim Travassos, a dedicar-se à Virologia.

No ano seguinte viajou aos Estados Unidos da América como bolsista da Fundação Rockefeller para um curso na Yale University, em New Haven, Connecticut (de setembro de 1961 a dezembro de 1962).

Ao retornar ao Brasil, foi admitido como médico da Fundação SESP na função de pesquisador do Instituto Evandro Chagas (IEC), em Belém.

Em janeiro de 1963 voltou aos Estados Unidos para um estágio de dois meses no Laboratório de Vírus da Fundação Rockefeller, em Nova York.

No mesmo ano retornou a Belém e assumiu a Chefia do Laboratório de Vírus do IEC, cargo que haveria de ocupar durante dezesseis anos. Nesse período iniciou a formação de uma valorosa escola de virologistas, sobre a qual me ocuparei ainda adiante.

Iniciou também, em 1963, sua carreira docente na disciplina de Microbiologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Pará, ensinando Virologia até 1970. A partir do ano seguinte assumiu a disciplina de Virologia no Centro de Ciências Biológicas da mesma Universidade, só deixando de ministrá-la em 1980, em virtude de sua transferência para Washington, a fim de trabalhar na OPAS.

Em 1971 perdeu o pai, num momento em que juntos trabalhávamos em pesquisas de campo para o IEC no município de Altamira, nos primórdios da abertura e construção da Rodovia Transamazônica. Acompanhei-o em voo de helicóptero, desde a Agrovila Brasil Novo, no Km 46 do trecho Altamira-Itaituba, até a sede municipal, testemunhando a dor silenciosa que o sufocava ao retornar a Belém para as exéquias de seu grande inspirador.

Em 1974 concorreu à Livre Docência em Virologia pela Universidade Federal do Pará, conquistando o título de Doutor em Ciências Biológicas, com a defesa de tese original versando sobre a “Aplicação de uma microtécnica no estudo do teste de neutralização com arbovírus e do efeito do fator acessório nessa reação”.

Em outubro de 1975 visitou, por cerca de um mês, o Instituto de Medicina Tropical de Hamburgo, na Alemanha (o Instituto

Bernhard Nocht). Sua visita decorria de convênio firmado entre aquela instituição e o Núcleo de Patologia Regional e Higiene da Universidade Federal do Pará (leia-se Professor Ronaldo de Araújo), via CNPq, acordo que incluía colaboração com o Instituto Evandro Chagas. Levava consigo amostras de sangue de hamsters a serem examinadas mediante microscopia eletrônica. Lá proferiu conferência sobre os Problemas de Saúde Pública na Amazônia Brasileira e apresentou um trabalho de Pinheiro, Bensabath, Travassos da Rosa e Travassos da Rosa sobre um surto epidêmico do vírus Oropouche nas vizinhanças de Santarém no Pará. Precisamente naquele ano celebrava-se o Jubileu dos 75 anos de fundação daquele Instituto. Foi então agraciado com a medalha de prata comemorativa daquele transcurso.

No ano seguinte (1976), o Laboratório de Vírus sob sua direção registrava o primeiro surto de rotavírus no Brasil, ao estudar um grupo de crianças diarreicas em Belém. Isto, apenas dois anos após a descoberta do agente na Austrália. Uma nota prévia sobre esse achado pioneiro foi publicada por Linhares, Pinheiro e colaboradores estrangeiros, em julho/agosto de 1977 na Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo.

Em 1979 assumiu a Direção do Instituto Evandro Chagas, em substituição à Dra. Gilberta Bensabath. Em seu lugar na Chefia da Sessão ficava a Dra. Amélia Homobono Paes de Andrade, oriunda do Laboratório de Arbovírus.

A 12 de novembro do ano seguinte (1980), fundava-se em Belém a Sociedade Paraense de Infectologia, contando com a honrosa presença do Professor Ricardo Veronesi, da Faculdade de Medicina da USP, que haveria de indicar o nome de Francisco Pinheiro para presidir a novel associação. Pinheiro foi então eleito, por aclamação, o primeiro Presidente da entidade.

Em 1981 recebeu honroso convite da Organização Pan-Americana da Saúde para ir trabalhar em Washington como Oficial Médico Assessor em Doenças Virais. Deixava, então, a Direção do Instituto, confiando-a a seu discípulo Alexandre da Costa Linhares, hoje membro titular de nossa Academia.

Na OPAS haveria de permanecer dezesseis anos, de 1981 a 1996. A ela, nos três anos seguintes (1997-1999), prestou consultoria sobre Doenças Virais e Doenças Infecciosas Emergentes, em convênio com o CDC. Nessa condição participou da exitosa campanha de erradicação do poliovírus selvagem das Américas, liderada pelo saudoso médico e professor gaúcho Ciro de Quadros,

epidemiologista brasileiro falecido em 2014, figura proeminente no programa de erradicação da poliomielite na América Latina e Caribe, por essa razão aclamado pela Organização Pan-Americana da Saúde e Organização Mundial da Saúde como “Herói das Américas em Saúde Pública”.

Durante sua permanência na OPAS exerceu inúmeras atividades no exterior: Consultoria a países da América Latina e Caribe na área de laboratórios de vírus; Vigilância e controle de inúmeras viroses: dengue, febre amarela, hantavírus, hepatites A vírus e arenavírus; Modernização da produção da vacina antiamarilica no Brasil e na Colômbia; Monitoramento do desenvolvimento e teste de campo para uma vacina contra a febre hemorrágica da Argentina; Organização de uma rede de laboratórios para erradicação do poliovírus selvagem da América Latina e Caribe; Suporte à rede de laboratórios na América Latina e Caribe para o controle do dengue e da influenza; Coordenação do preparo e publicação de Diretrizes sobre Dengue (*OPAS Scientific Publ.* 548) e sua implementação; Coordenação de um Plano de Ação para Doenças Infecciosas Emergentes na América Latina e Caribe e sua implementação; Assistência aos países da América Latina e Caribe no controle de epidemias de doenças virais; e Organização de inúmeros cursos de diagnóstico clínico e laboratorial de doenças virais.

Trabalhou para o Governo americano, na condição de Consultor da OPAS, entre 1997 e 1999, ano em que regressou dos Estados Unidos ao Brasil.

No período de 2000 a 2008, já aposentado, prestaria ainda consultorias de curto prazo à OPAS, na maioria das vezes na área de doenças infecciosas emergentes, programa que gerenciou desde o seu início naquela Organização.

Ao longo dessa brilhante trajetória visitou dezenas de países, tanto das Américas, como da Europa, África e Ásia, incluindo o extremo Oriente, apresentando trabalhos ou proferindo palestras ou conferências: nos Estados Unidos, Canadá, México, Cuba, Guatemala, El Salvador, Panamá, Colômbia, Venezuela, Peru, Brasil, Chile, Paraguai, Argentina, Camarões, Senegal, Espanha, França, Inglaterra, Escócia, Suíça, Alemanha, Hungria, Croácia, Irã, Japão e Malásia.

Eis, em síntese, a produção científica de Francisco Pinheiro: pelo menos 159 trabalhos científicos publicados, entre artigos originais, livros e capítulos de livros, versando sobre uma

multiplicidade de temas ligados à Virologia e à Saúde Pública nas Américas: arbovírus e arboviroses, com destaque para febre amarela, dengue, oropouche, mayaro e encefalites; poliomielite, sarampo, rubéola e proteção vacinal; hepatites por vírus (B e Delta), febre negra de Lábrea; rotavírus; enteroviroses; influenza; febres hemorrágicas; síndrome hemorrágica de Altamira; patologia tropical na Amazônia, e inúmeros outros temas.

Merecem ser aí destacados os fatos de que: descobriu e descreveu os ciclos silvestre e urbano do vírus Oropouche, participou da descoberta de mais de cem vírus novos para a Ciência, participou da investigação de numerosas epidemias de febre amarela, Oropouche e Mayaro, liderou as investigações sobre a síndrome hemorrágica de Altamira, e colaborou na descrição da primeira epidemia de diarreia por rotavírus numa comunidade indígena isolada nas Américas.

Homenagens recebidas

Selecionamos apenas algumas, talvez as mais significativas:

Vimos que em outubro de 1975 Francisco Pinheiro foi agraciado com a Medalha Comemorativa do Jubileu dos 75 Anos do Instituto de Medicina Tropical de Hamburgo.

Em 1999 foi também agraciado pelo Instituto de Medicina Tropical Pedro Kouri (IPK), de Havana, Cuba, com o Troféu *Don Quijote de La Mancha*, em reconhecimento pela colaboração da OPAS, que ele instrumentou. Ressalte-se que além disso ministrou aulas no curso de Medicina Tropical ali realizado.

Em fevereiro de 2002 foi distinguido pela Organização Pan-Americana da Saúde em sessão especial por ela promovida durante o 38º Congresso da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical realizado em Foz do Iguaçu, com a Medalha dos 100 Anos da OPAS.

Em setembro de 2005 recebeu também homenagem especial da Sociedade Médico-Cirúrgica do Pará, por sua indicação como Decano da Sociedade Paraense de Infectologia. Indicação deveras pertinente. Francisco Pinheiro foi, como vimos, o primeiro Presidente desta última entidade, por sugestão de Ricardo Veronesi, presente à reunião de fundação.

Em maio de 2006 foi alvo de significativa homenagem do Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos da Fundação Oswaldo Cruz, quando o Presidente do Conselho Político e Estratégico de Bio-

Manguinhos, Dr. Akira Homma, conferiu-lhe o Troféu Comemorativo dos 30 Anos da Instituição.

Em novembro de 2006 a Sociedade Médico-Cirúrgica do Pará concedeu-lhe o título de Presidente de Honra do XIII Congresso Médico Amazônico.

No mesmo mês de novembro foi distinguido por ocasião do transcurso do Dia Nacional do Biomédico com uma Homenagem Especial do Conselho Regional de Biomedicina do Pará, então presidido por um de seus mais destacados discípulos, o Prof. Ricardo Ishak.

Em novembro de 2008 foi também homenageado pela Sociedade Paraense de Infectologia com o título de Presidente de Honra do II Congresso Norte-Nordeste de Infectologia, realizado em Belém.

E em 2013 foi agraciado pela The American Association of Tropical Medicine and Hygiene com o título de Honorary International Fellow of ASTMH, que não possui uma tradução literal para o nosso idioma, mas obviamente um relevante título honorífico concedido pela Instituição a um pesquisador estrangeiro que se notabilizou por significativas contribuições na área da Medicina Tropical.

A família

Ao pesquisar sobre a história familiar de Francisco de Paula Pinheiro experimentei a sensação de estar diante de um fenômeno em que cabe, perfeitamente, a expressão bem conhecida da cultura árabe, de certo modo já incorporada à nossa linguagem coloquial no Brasil: Maktub. Maktub já foi título de mais de uma obra publicada em nosso país, a mais famosa de autoria de Malba Tahan e significa “Estava escrito”. Por que a evoco neste instante?

Vimos que Francisco Pinheiro esteve em Nova York em 1963, já na condição de pesquisador do Instituto Evandro Chagas, realizando estágio no laboratório de Vírus da Fundação Rockefeller. Ao retornar ao Brasil, já após insucesso de um primeiro casamento, encontra em seu laboratório a bela jovem Maria Conceição Cabral da Silva, de apenas 18 anos, recém-admitida mediante concurso para auxiliar de Biologia, precisamente para trabalhar com ele, privilégio reservado ao primeiro colocado naquele certame. Obviamente enamorou-se dela. E já no ano seguinte (1964) contrairiam matrimônio em nossa bela Basílica de Nazaré. Parece-me caber perfeitamente, portanto, o entendimento de que “estava escrito”:

assim, deveria ser o início de um romance que redundaria numa união conjugal duradoura, frutuosa, hoje de mais de onze lustros, com aquela que viria a ser a mãe de três filhos seus e avó de cinco netos.

São seus filhos: Fernando, Marcus e Ana Paula. Os cinco netos são: dois filhos de Fernando e Karen (Mathew e Andrew), nascidos e residentes nos Estados Unidos da América; duas filhas de Ana Paula (Fernanda e Giovanna); e Victor, o caçula, hoje com 8 anos, filho de Marcus e Cecília. Uma bela família!

Aposentado, decidiu dedicar-se à administração da Fazenda São Victor, de propriedade da família no leste da ilha do Marajó, onde ao lado do filho Marcus vem realizando um trabalho próspero e de vanguarda na produção de derivados do leite de búfala, já tendo conquistado inclusive prêmios internacionais. O queijo por eles produzido foi o primeiro produto lácteo artesanal a receber o Selo Arte.

Queridos amigos, a Academia de Medicina do Pará decidiu por unanimidade, em reunião de sua Diretoria, aprovar nossa proposição de conceder-lhe o título de Membro Honorário, considerando a relevância de sua contribuição à Medicina, à Ciência e à Saúde Pública nas Américas. E me confere a honra de proferir sua saudação. Reconhecemos, todos, que tardou demais. Anima-nos, porém, a assertiva do “antes tarde do que nunca”. Felizmente podemos recebê-lo lúcido, forte, saudável, produtivo, vitorioso em todos os sentidos, absolutamente útil aos semelhantes.

Ao receber notícia desta decisão, Dr. Pinheiro rompe com sua habitual simplicidade e discrição para uma declaração contundente, porém absolutamente pertinente, memorável e particularmente honrosa: “Orgulho-me de ter formado a primeira geração de virologistas paraenses, e por um virologista igualmente paraense: Alexandre da Costa Linhares, Ricardo Ishak, Otávio Oliva, Wyller Mello, Yvone Gabbay Mendes, Elizabeth de Oliveira Santos, Elizabeth Salbé, Maria de Lourdes Contente Gomes, Olinda Macedo, e ainda outros”. E acrescenta: “Linhares e Ishak são hoje expoentes mundiais em suas áreas de pesquisa”. Linhares na dos Rotavírus; Ishak na das infecções por Vírus linfotrópicos de células T humanas (HTLV) e outras viroses. “O sucesso de ambos, conclui, tem sido motivo de imensa alegria para mim”. Como se não bastasse, acolheu também em seu laboratório vários outros estagiários, alguns mais tarde integrados ao quadro de pesquisadores do próprio Instituto Evandro Chagas ou de Universidades e outras Instituições dos Estados do Pará, Rio de Janeiro e Goiás.

A Academia de Medicina do Pará concede-lhe com muita honra
o título de Membro Honorário deste silogeu.



Francisco de Paula Pinheiro



Membro Honorário

